

quisador de superfície, como ocorre a muita gente. Tudo espera dos outros, examina seu semelhante, mas não ausculta a si mesmo. Quer a realização divina sem o esforço humano; reclama a graça, formulando a exigência; quer o trigo da verdade, sem participar da semeadura; espera a tranquilidade pela fé, sem dar-se ao trabalho das obras; estima a ciência, sem consultar a consciência; prefere a facilidade, sem filiar-se à responsabilidade, e, vivendo no torvelinho de continuadas libações, agarrado aos interesses inferiores e à satisfação dos sentidos físicos, em caráter absoluto, está guardando mensagens espirituais...

Estávamos admirados, ante as conclusões interessantes do instrutor amigo.

Vicente, que se mantinha sob forte impressão, perguntou:

— Afinal de contas, que deseja êste homem?

Aniceto sorriu e respondeu:

— Também êle teria imensas dificuldades para responder. Para nós outros, Vicente, o Dr. Fidélis é um desses enfermos que ainda não se dispuseram a procurar o alívio, pelo demasiado apêgo à sensação.

XLVI

APRENDENDO SEMPRE

Segundo informações de Aniceto, faltava mais de uma hora para o início da preleção evangélica, sob a responsabilidade do senhor Bentes, na esfera dos freqüentadores encarnados, mas o movimento de serviço espiritual tornara-se intensíssimo.

Reuniam-se ali, para olhos humanos, trinta e cinco individualidades terrestres e, no entanto, em nosso círculo, o número de necessitados excedia de duas centenas, porquanto, agora, a assembléia estava acrescida de muitas entidades que formavam o séquito perturbador da maioria dos aprendizes ali congregados. Para elas, organizou-se uma divisão especial, que me pareceu constituída por elementos de maior vigilância, visto chegarem, quase obrigatoriamente, acompanhando os que buscavam o socorro espiritual, sem a indicação dos orientadores em serviço nas vias públicas.

A movimentação era enorme e o tempo era escasso para qualquer observação, sem movimento ativo. Todos os servidores da casa se mantinham a postos, desenvolvendo a melhor atenção.

Reparei que num ângulo da grande mesa havia numerosas indicações de receituário e assistência. Os mais variados nomes aí se enfileiravam. Muitas pessoas pediam conselhos médicos, orientação, assistência e passes. Quatro facultativos espirituais se moviam diligentes, e, secundando-lhes o esforço humanitário, quarenta cooperadores diretos iam e vinham, recolhendo informações e enriquecendo por menores.

Aproximamo-nos do grande número de papéis nominados, e, enquanto curiosamente buscava examiná-los, Aniceto explicou:

— Temos aqui a indicação das pessoas que se afirmam necessitadas de amparo e socorro imediato.

— Mas recebem elas tudo quanto pedem? — indagou Vicente, curioso.

Nosso mentor sorriu e respondeu:

— Recebem o que precisam. Muitos solicitam a cura do corpo, mas somos forçados a estudar até que ponto lhes podemos ser úteis, no particularismo dos seus desejos; outros reclamam orientações várias, obrigando-nos a equilibrar nossa cooperação, de modo a lhes não tolher a liberdade individual. A existência terrestre é um curso ativo de preparação espiritual e, quase sempre, não faltam na escola os alunos ociosos, que perdem o tempo ao invés de aproveitá-lo para depois perseguirem, na ocasião das provas, os aprendizes de boa vontade, ansiosos pelas realizações mentirosas do menor esforço. Dêsse modo, no capítulo das orientações, a maior parte dos pedidos são desassissados. A solicitação de terapêutica para a manutenção da saúde física, pelos que de fato se interessem pelo concurso espiritual, é sempre justa; todavia, no que concerne a conselhos para a vida normal, é imprescindível muita cautela de nossa parte, diante das requisições daqueles que se negam voluntariamente aos testemunhos de conduta cristã. O Evangelho está cheio de sagrados roteiros espirituais e o discípulo, pelo menos diante da própria consciência, deve considerar-se obrigado a conhecê-los.

O instrutor amigo fez pequena pausa, mudou a inflexão de voz, como para acentuar fortemente as palavras, e considerou:

— Possivelmente, vocês objetarão que toda pergunta exige reposta e todo pedido merece solução; entretanto, nesse caso de esclarecer determinadas solicitações dos companheiros encarnados,

devemos recorrer, muitas vezes, ao silêncio. Como recomendar humildade àqueles que a pregam para os outros; como ensinar a paciência aos que a aconselham aos semelhantes, e como indicar o bálsamo do trabalho aos que já sabem condenar a ociosidade alheia? Não seria contra-senso? Ler os regulamentos da vida para os cegos e para os ignorantes é obra meritória, mas, repeti-los aos que já se encontram plenamente informados, não será menosprêzo ao valor do tempo? Alma alguma, nas diversas confissões religiosas do Cristianismo, recebe notícias de Jesus, sem razão de ser. Ora, se tóda condição de trabalho edificante traduz compromisso da criatura, todo conhecimento do Cristo traduz responsabilidade. Cada aprendiz do Mestre, portanto, está no dever de observar a consciência, conferindo-lhe os alvitres profundos com as disposições evangélicas.

Vicente, que escutava com grande interesse, aventou:

— No entanto, ousaria lembrar os que formulam semelhantes pedidos levianamente...

— Sim — elucidou Aniceto, sorrindo — mas nós não poderemos copiar-lhes o impulso. Os desencarnados e os encarnados, que ainda abusam das possibilidades do intercâmbio entre as esferas visíveis e invisíveis ao homem comum, pagarão alto preço pela invigilância.

— Neste caso — perguntei respeitoso — como corresponder aos pedidos de orientação?

— Alguns, raros — esclareceu nosso orientador — merecem o concurso da nossa elucidação verbal, na hipótese de se referirem aos interesses eternos do espírito, quando isso nos seja possível; entretanto, quase sempre é indispensável nada responder de maneira direta, auxiliando os interessados na pauta de nossos recursos, em silêncio, mesmo porque, não temos grande tempo para relembrar a irmãos encarnados certas obrigações que lhes não

deviam escapar da memória, para felicidade de si mesmos.

Calou-se por momentos o bondoso instrutor, obtemperando em seguida, interessado em nos subtrair quaisquer dúvidas:

— Muitas entidades desencarnadas estimam o fornecimento de palpites para as diversas situações e dificuldades terrestres, mas êsses pobres amigos estacionam desastradamente em questões subalternas, incapazes de uma visão mais alta, em face dos horizontes infinitos da vida eterna, convertendo-se em meros escravos de mentalidades inferiores, encarnadas na Terra. Esquecem que o nosso interesse imediato, agora, deve ser, acima de todos, aquêle que se refira à espiritualidade superior. Nossos irmãos inquietos, que forneçam palpites a preguiçosas mentes encarnadas, sôbre assuntos referentes à responsabilidade justa e necessária do homem, devem fazê-lo de própria conta.

— Que acontece, então? — perguntou Vicente, curioso.

Nosso mentor, contudo, respondeu com outra pergunta:

— Que acontece ao homem de responsabilidade que se põe a brincar?

Nesse instante, um dos clínicos espirituais, aproximando-se, foi gentilmente saúdoado por Aniceto, que lhe disse, depois de apresentar-nos:

— Disponha da nossa colaboração humilde. Aqui estamos na qualidade de médicos itinerantes, prontos ao concurso ativo.

— Vêm de "Nosso Lar"? — indagou o novo companheiro, respeitosamente.

— Sim — respondeu Aniceto, prestativo.

— Pois bem — considerou êle — se possível, estimarei receber-lhes o auxílio, após a reunião, para dois casos urgentes. Trata-se de uma jovem desencarnada hoje e de um agonizante, meu amigo.

— Sem dúvida — acentuou nosso orientador, solícito — aguardaremos suas indicações.

XLVII

NO TRABALHO ATIVO

A interpretação de Bentes, obedecendo à inspiração de um emissário de nobre posição, presente à assembleia, era recebida com respeito geral, no círculo das entidades desencarnadas.

Na esfera dos encarnados, porém, não se notava o mesmo traço de harmonia. Observava-se apreciável instabilidade de pensamento. A expectativa ansiosa dos presentes perturbava a corrente vibratória. De quando em quando, surpreendíamos determinados desequilíbrios, que afetavam, particularmente, a organização mediúnica de Dona Isabel e a posição receptiva do comentarista, que parecia perder "o fio das idéias", tal qual se diria na linguagem comum. Colaboradores ativos restabeleciam o ritmo, quanto possível. Reparamos que alguns irmãos encarnados se mantinham irriquitos, em demasia. Mornamente os mais novos em conhecimentos doutrinários exibiam enorme irresponsabilidade. A mente lhes vagava muito longe dos comentários edificantes. Via-se-lhes, distintamente, as imagens mentais. Alguns se prendiam aos quefazeres domésticos, outros se impacientavam por não lograrem a realização imediata dos propósitos que os haviam levado até ali.

Aniceto, que não perdia ocasião de prestar-nos esclarecimentos novos, considerou discreto:

— Muitos estudiosos do Espiritismo se preocupam com o problema da concentração, em trabalhos de natureza espiritual. Não são poucos os que estabelecem padrão ao aspecto exterior da